

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

**CULTURA ESPANHOLA. NOTÍCIA DE ALGUMAS PUBLICAÇÕES RECENTES. ARS HISPANIAE. HISTORIA UNIVERSAL DEL ARTE HISPANICO.**

CARDOSO, Mário

Ano: 1948 | Número: 58

---

## Como citar este documento:

CARDOSO, Mário, Cultura espanhola. Notícia de algumas publicações recentes. ARS HISPANIAE. Historia Universal del Arte Hispanico. *Revista de Guimarães*, 58 (3-4) Jul.-Dez. 1948, p. 377-380.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

ainda, e quase por completo, de pontos de vista meramente pessoais dos investigadores.

---

ARS HISPANIAE: *Historia Universal del Arte hispanico*. Vol. I: — «Arte prehistorico», por **Martin Almagro**; «Colonizaciones púnica y griega. El Arte iberico. El Arte de las tribus celticas», por **Antonio Garcia y Bellido**. 371 pág. e 417 gravuras.

Vol. II: «Arte romano», por **Taracena Aguirre**; «Arte peleocristiano», por **Batlle Huguet**; «Arte visigodo y Arte asturiano», por **Helmut Schlunk**. 442 pág. e 429 gravuras. Formato dos vols.: 275x210 mm. Madrid, Editorial Plus-Ultra, 1946 e 1947.

A empresa editora «Plus-Ultra», de Madrid, lançou há pouco no mercado livreiro os dois primeiros volumes da magnífica obra subordinada ao título geral supra indicado. O plano desta grande publicação abrange um panorama geral da Arte espanhola, desde as suas mais remotas origens pré-históricas até ao século XIX, focando, com a extensão e precisão necessárias, autorizada exposição crítica e larga documentação bibliográfica e iconográfica, a sua milenária evolução através dos diversos períodos culturais. Após o estudo da arte paleolítica, neolítica e do Bronze, analisam-se, no 1.º volume, os contactos das colonizações céltica, púnica e grega, e a arte ibérica. No volume 2.º, estudam-se as largas e fecundas influências da Romanização na arte peninsular, e, em seguida, a arte páleo-cristã, visigoda e asturiense. Virá depois o estudo da arte califal hispano-árabe e da arte moçárabe, a arquitectura almoada, a arte granadina, mudéjar e mourisca. Seguidamente o românico (arquitectura, escultura, pintura, imaginária e miniatura) e a arquitectura cisterciense; depois, o período gótico. A's artes industriais dos séculos XI ao XV será dedicado um volume especial. Finalmente, os últimos volumes serão consagrados à arte da Renascença, ao barroco, à pintura do século XVII, à arte neo-clássica, às artes aplicadas dos séculos XVI ao XVIII, encerrando esta

magnífica e opulentíssima série com o estudo da arte do século XIX.

É, como se vê, um projecto grandioso em marcha e uma iniciativa editorial de largo alcance, que se propõe tratar o assunto de um modo completo e exaustivo. Os estudos desta Colectânea, que occuparão nada menos de 18 volumes, são subscritos por nomes de professores universitários, directores de Museus, etc., seleccionados entre os que, na Espanha actual, se apresentam com mais destacada autoridade e especialização na história e na crítica de Arte: Gomez Moreno, Martin Almagro, Garcia y Bellido, Taracena Aguirre, Batlle Huguet, Torres Balbás, José Gudiol, que é o Director da obra, Sanchez Cantón, Ferrandiz Torres, etc., e ainda pelos hispanistas professores Helmut Schlunk, alemão, e Walter Cook, americano.

O 1.º vol. da série ARS HISPANIAE, que é da autoria de Almagro e Garcia y Bellido, respectivamente catedráticos de Barcelona e Madrid, tem para nós, portugueses, um interesse muito especial, por conter um estudo de conjunto sobre os primórdios da arte hispânica, não apenas limitado ao território espanhol, mas abrangendo, como é natural, toda a Península. E, assim, no último capítulo, por exemplo, ao tratar-se da arte das tribus célticas, são ali mencionadas pelo Prof. Sr. Garcia y Bellido as importantes manifestações artísticas dos *castros* galaico-portugueses, que por sinal ele documenta, entre várias reproduções magníficas, com algumas gravuras de monumentos e objectos aparecidos em Portugal:— o monumento funerário de Briteiros, as duas estátuas de guerreiros lusitanos e a Pedra Formosa, do Museu de Martins Sarmiento, vasos e lúnulas do tesouro de Chão de Lamas, pertencente ao Museu Arqueológico de Madrid; etc.

Na extensa bibliografia, dada no final deste volume, citam-se alguns autores portugueses, entre os quais Martins Sarmiento, Estácio da Veiga, Leite de Vasconcelos, José Fortes, Mendes Correia, Félix Alves Pereira, Vergílio Correia, Rui de Serpa Pinto, Carlos Teixeira, etc.

O 2.º volume, que em sumptuosidade gráfica rivaliza com o primeiro, abre com um magnífico estudo de Taracena Aguirre sobre a romanização da Penín-

sula, no qual trata: das grandes obras públicas, como sejam — pontes, estradas, aquedutos, etc.; dos monumentos architectónicos (templos, termas, teatros, etc.); da estatuária, pintura, mosaicos e artes industriais (cerâmica, vidros, jóias, etc.). Na parte referente a Portugal, reproduz-se a colunata do templo de Évora, as ruínas de Conímbriga, mosaicos do Ameixial (Alentejo), no Museu de Belém, e mosaicos de Conímbriga.

Segue-se o capítulo sobre o período páleo-cristão (monumentos architectónicos, escultura, pintura e mosaicos), subscrito pelo Rev. Pedro Batlle Huguet, Director do Museu Diocesano de Tarragona; e, finalmente, a arte visigoda e a arte asturiense, pelo Prof. Helmut Schlunk, Conservador do Museu de Berlim. No capítulo sobre a escultura visigoda dos séc. VI e VII, reproduz-se, na parte referente a Portugal, uma pilastra e um fragmento de coluna do Museu de Beja, uma pilastra e um baixo-relevo procedentes de Chelas e existentes no Museu do Carmo (Lisboa), e um outro baixo-relevo decorativo incrustado na abside da Sé de Lisboa. No capítulo sobre arquitectura visigoda o ilustre Professor germânico cita as igrejas portuguesas de Balsemão e de S. Frutuoso; e, na parte respeitante às artes menores, reproduz ainda uma fivela de ouro, do séc. V, também de procedência portuguesa.

Na bibliografia deste volume, que está metódicamente ordenada, por séries respeitantes a cada capítulo (e não em conjunto, como no 1.º vol., o que dificultava a consulta), citam-se, entre outros, os seguintes AA. portugueses: Vergílio Correia, Leite de Vasconcelos, Cónego Aguiar Barreiros, Aarão de Lacerda, José Pessanha, Moura Coutinho, Rui de Serpa Pinto, Mesquita de Figueiredo, etc.

A apresentação gráfica dos dois volumes, impressos em Barcelona, é primorosa; as gravuras, muitas delas de página, são de uma inexcedível perfeição. Esta História Universal da Arte Hispânica interessa portanto, de um modo decisivo e indiscutível, a todos os que se dedicam ao estudo e evolução da arte peninsular, sejam historiadores, arqueólogos, críticos ou artistas. Os mais rasgados louvores, por tão grandiosa como arrojada iniciativa em plena execução, merecem, tanto a Editorial Plus-Ultra, de Madrid, que

tomou a seu cargo a responsabilidade material da publicação, como o ilustre Director da obra, D. José Gudiol Ricart.

---

CRONICA DEL II CONGRESO ARQUEOLOGICO DEL SUDESTE ESPAÑOL (Albacete, 1946). Vol. de 160 x 215 mm., 422 pág., XXXIII lam. e numerosas gravuras no texto.

Idem, DEL III CONGRESO (Murcia, 1947). Vol. de 160 x 225 mm., 493 pág., CXXII lam. e várias gravuras no texto.

Desde 1945 que, anualmente, se vêm realizando os Congressos Arqueológicos do Sudeste Espanhol. O primeiro teve lugar em Cartagena, em Junho de 1945, então ainda com carácter de organização. O segundo realizou-se em Março de 1946, na cidade de Albacete. O terceiro em Múrcia, no mês de Maio de 1947. O quarto em Elche, também em Maio do corrente ano. E o quinto já está anunciado, para ser levado a efeito em Almeria, em abril do próximo ano de 1949, simultâneamente com o I Congresso Nacional de Arqueologia, seguidos ainda de um Curso de Arqueologia do Conselho Superior de Investigações Científicas, em Cartagena, Alicante, Ibiza, Minorca, Maiorca e Valência.

O Sudeste de Espanha foi sempre, desde tempos remotos, o entreposto e foco de irradiação das grandes civilizações que se expandiram na Península. Era nessa costa, banhada pelo Mediterrâneo ocidental e privilegiada pela amenidade do clima, pela fecundidade do solo e pela riqueza mineira, que aproavam os navegantes, portadores das culturas arcaicas do Oriente e do Norte de África; e, mais tarde, por aí se deu igualmente a entrada e o contacto fecundo com as opulentas civilizações clássicas da Grécia e Roma. As influências recebidas do centro e norte da Europa não tiveram por certo, na Ibéria, as consequências e a capacidade cultural das recebidas por via mediterrânea. Natural é, portanto, que aos actuais cientistas espanhóis mereçam especial atenção os estudos relativos a essa